

*Para o celebrado escritor argentino, Jorge Luís Borges (1899-1986), os três maiores poemas da humanidade, em todos os tempos, são a Ilíada, a Odisséia, e o Evangelho: e este, “o maior dos três”. Três histórias – a de Troia, a de Ulisses, e a de Jesus – “que têm sido suficientes para a humanidade”. O Autor procura justificar essa escolha de Borges, que, mesmo sendo agnóstico, considera o Evangelho “o maior poema da literatura universal”, e “definitivamente insuperável”. É pelo enredo? pela figura do herói? pela originalidade? Esses, entre outros, terão sido os motivos que justificaram a Borges a sua escolha.*

## Borges e o maior poema da humanidade

*Paulo Leonardo Medeiros Vieira\**

---

\* O Autor é Advogado e Professor aposentado do Departamento de Direito Público e Ciência Política da UFSC.



Jorge Luis Borges (1899 – 1986), eleito por um júri internacional um dos dez maiores escritores do século XX, escolheu os três maiores poemas da Literatura Universal, em todos os tempos. Discorreu primeiro sobre a *Ilíada*, depois sobre a *Odisséia*, para só então mencionar aquele que, no seu dizer, é incomparavelmente o maior dos três: o *Evangelho*.<sup>1</sup> Borges não considera os quatro evangelhos isoladamente, mas em seu conjunto – como é correto.

Três histórias: a história de Tróia, a história de Ulisses, a história de Jesus - “três histórias que têm sido suficientes para a humanidade”.

As três têm sido contadas ao longo dos séculos, recontadas em todas as literaturas, em prosa e verso; representadas pelos maiores mestres da pintura e da escultura, celebradas em peças musicais, em filmes e peças teatrais, e *continuam ali, ilimitadas*.

Por isso, pode-se vaticinar, sem ser profeta, que serão ainda contadas de mil maneiras pelos séculos afora, em todas as línguas, mas no caso do Evangelho, “uma espécie de épica divina”, há uma diferença: para Borges, essa história não poderá jamais ser superada. Ninguém a contará melhor que seus autores, os quatro evangelistas.

O grande escritor toma ao acaso os versos que narram as tentações de Cristo no deserto, para afirmar que são mais fortes, entre outros, por exemplo, que os quatro livros juntos do Paraíso Reconquistado, de Milton.

Ele poderia, se fosse o caso, tomar muitas outras passagens, da Anunciação ao Horto das Oliveiras e ao Gólgota, ou das Bodas de Caná à Última Ceia, para só reforçar sua convicção. Mas não o fez, e, curiosamente, externa uma opinião que, sendo dele é em si abalizada, sem a mínima preocupação de justificá-la sob nenhum ponto de vista. A não ser pela ressalva de que as três histórias, que têm sido suficientes para a humanidade, continuam ali, ilimitadas.

O que poderia explicar – se é que o tema comporta explicação – a superioridade dos Evangelhos, como narração, como *poema épico*, sobre, por exemplo, a vasta obra de Dante, Virgílio, Shakespeare? Sobre a consagrada produção de santo Agostinho, santo Tomás de Aquino, San Juan de la Cruz – para ficar só nestes? O talento literário dos narradores? O estilo? A temática? A repercussão dos seus escritos pelo tempo afora em todas as culturas e classes sociais e intelectuais? De todo modo, pela importância da opinião de Borges sobre o assunto, justifica-se a curiosidade.

Neste artigo, permito-me especular sobre a escolha do grande escritor, poeta, conferencista e crítico literário que foi Jorge Luis Borges, na presunção de chegar à idêntica conclusão quanto à escolha, porém por caminho e fundamentos diversos dos já aventados.

<sup>1</sup> BORGES, Jorge Luis, *Esse Ofício do Verso*, Ed. Companhia das Letras, SP, 2000.



Considere-se desde logo, com a devida vênua, que em termos de talento, – sem prejuízo do respeito que merecem também como artistas, *no sentido em que tal termo pode ser razoavelmente usado em relação aos evangelistas*<sup>2</sup> – dificilmente Mateus, ou Marcos, ou João, ou mesmo Lucas, pesquisador minucioso e dono de estilo admirável, poderiam sobrepujar um Dante Alighieri, um Virgílio, ou um Shakespeare, nem os três gênios do Cristianismo acima citados.

Estaria, pois, em jogo, a temática, e não o talento dos narradores? Ora, sem falar no Bispo de Hipona, com suas *Confissões* e *A Cidade de Deus*; no Aquinata, com a *Summa Teológica*; e no grande místico São João da Cruz, que Borges qualifica como o maior poeta de Espanha entre aqueles que usaram a poesia para os seus verdadeiros fins (sic) – os outros três também se ocuparam, em alguma medida, do mesmo tema.

Virgílio, um dos ápices da linguagem humana, dos autores da Antiguidade foi, talvez, o único capaz de transcender a história literária para transformar-se em símbolo e mito. Theodor Haecker, que escreveu uma obra definitiva intitulada “*Virgílio, Pai do Ocidente*”, diz que a transfiguração do Poeta, iniciada no começo da era cristã, alcançaria o auge na Idade Média. Relembra que os Pais da Igreja, entre eles Santo Agostinho, viam nele um profeta suscitado no seio do paganismo, uma inteligência divinamente formada para anunciar aos gentios a Encarnação do Verbo. Só assim conseguiam explicar o mistério da 4ª. Écloga, que anuncia o nascimento de um infante divino que iria transformar a face da terra. Dante o elegeu como guia na descida às regiões infernais e como símbolo da Razão Humana. Venerou-o como o mais alto poeta, “*dolce maestro mio, alto dottore, virtu somma, dolce padre*”.

Enéias, o herói da *Eneida*, é mais que um simples guerreiro; tem a estatura de um santo do Cristianismo. Santo Agostinho conta nas *Confissões* que derramara copiosas lágrimas ao ler o conhecido episódio em que o herói, abandonando Cartago por ordem dos deuses, dilacera o coração da infeliz Dido, que se mata de desespero e de dor. Por seu turno, Dante, segundo os experts, é Poeta, e é Teólogo. E a esta condição devem-se muitas das soluções que encontrou para os juízos em que se abalançou na composição da sua *Comédia*. Shakespeare também abordou, em seus aspectos mais relevantes, a temática do Evangelho. De modo que o tema em si não seria, por suposto, a razão da escolha de Borges.

Teria, então, pesado o fato de serem os evangelistas contemporâneos de Jesus e, excluindo Marcos, por seus verdes anos, testemunhas do anúncio da Boa Nova, ou, ao menos muito próximos dessas testemunhas? Essa circunstância não se deu com a grande maioria dos mestres da Literatura Universal que se debruçaram sobre

<sup>2</sup> KERMODE, Frank. Introdução ao Novo Testamento, Guia Literário da Bíblia, Ed. UNESPE, SP, 1997.



a vida e a missão de Jesus, mas não seria de certo relevante sob o aspecto aqui considerado, sobretudo porque os evangelistas, além de não serem biógrafos nem historiadores, especialmente Lucas, louvaram-se grandemente na tradição oral da Boa Nova.

Excluam-se, pois, o tema, o estilo e o talento literário dos narradores da Boa Nova como razões da eleição, sem prejuízo da beleza incomparável de inúmeras de suas composições. De excluir, também, qualquer motivação religiosa da parte do escritor argentino, posto que se trata de alguém auto-proclamado agnóstico, que, certa feita, discorrendo sobre o tema da imortalidade, além de afirmar sua descrença, adiantou que, cansado de si mesmo, de seu nome e de sua fama, queria libertar-se de tudo isso; queria, simplesmente, *morrer de corpo e alma*.<sup>3</sup>

Para ele, com licença do presente histórico, “A morte é a grande esperança de que tudo acabe definitivamente”.<sup>4</sup> A imortalidade está, enfim, na memória dos outros e na obra que deixamos, dizia. Apenas, numa espécie de concessão, admitia crer na imortalidade cósmica, não na pessoal.

O que o levaria, pois, a escolher precisamente o Evangelho como o maior poema da Literatura, e, mais que isso, a considerá-lo *definitivamente insuperável*?

Eis a questão - o desafio que, despido embora de outras credenciais, ousou enfrentar como estudioso e admirador do gênio de Borges e amante do Evangelho e seu leitor assíduo, há, pelo menos, trinta anos.

Não descarto, em parte, a advertência de JOHN B. GABEL e de CHARLES WHEELER, de que, atentando alguns para os aspectos beletrísticos da Bíblia, acabam por fazer *uma abordagem de literatura da Bíblia, e não da Bíblia como literatura*.<sup>5</sup>

Tomo, como ponto de partida, no exame dos três “poemas”, a questão fundamental de qualquer texto literário, que é a do *enredo*, e, por questão de síntese, agrego-lhe as *leituras* que comportam, uma vez que aquele e estas estão umbilicalmente entrelaçados.

Começo pelo Evangelho. O fiel pode ler o Evangelho como a história comovente e estranha de um homem, que é Deus, e que assume a condição humana para, pela morte, expiar os pecados da humanidade. Ou, como sugere Borges - a história de um deus que se digna ao sofrimento – à morte na ‘amarga cruz’, no verso de Shakespeare.

Na interpretação de Langland<sup>6</sup>, o Evangelho repousa na idéia de que Deus queria saber tudo sobre o mistério do sofrimento humano, não intelectualmente,

<sup>3</sup> BORGES, Jorge Luis. *Borges Oral, A Imortalidade, Obras Completas*, IV, Ed. Globo, 1999.

<sup>4</sup> FARIA, Álvaro Alves de. *Borges – O mesmo e o outro*. Ed. Escrituras, SP, 2001.

<sup>5</sup> GABEL, John B. e WHEELER, Charles. *A Bíblia Como Literatura*, Loyola Ed., SP, 1993.

<sup>6</sup> LANGLAND, William. *The vision of piers the Plowman*, Londres, 1895.



como é facultado a um deus, mas como um homem e com as limitações de um homem.

Mas um incrédulo, – “muitos de nós o somos” – poderá ler o Evangelho numa outra ótica. “Pode pensar num homem de gênio, – sugere o escritor – num homem que pensava ser deus e que no final descobriu ser somente um homem, e que deus – o seu deus – o abandonara” (ibidem).

Aí está, em apertadíssima síntese, o enredo desse belo *poema*, essa espécie de “*épica divina*”, assim na visão do crente, como na do incrédulo.

Borges resume também a *Ilíada* e a *Odisséia*, apontando as duas leituras que a seu ver comportam. Admite que o enredo da *Ilíada* não é em si dos mais atraentes – a idéia do herói amuado na sua tenda, ressentido com o rei que o tratara injustamente, e que então move a guerra como uma rixa privada porque o seu amigo fora morto, e depois disso vende o homem, que matara, ao pai desse amigo.

Mas adverte que embora Homero tenha pensado em escrever seu poema sobre esse homem furioso, o que empobreceria o enredo (“Canta, Musa, a fúria de Aquiles”), o que importa é que Homero estava na verdade narrando a história de um homem, um herói, que ataca uma cidade sabendo que jamais irá conquistá-la, sabendo que morrerá antes de ela capitular; e a história tanto mais instigante de homens defendendo uma cidade de cuja desgraça já têm consciência, uma cidade que já está em chamas.

Na *Odisséia* também entrevê duas histórias: a do regresso de Ulisses ao lar, aos braços de Penélope, – o que induz à idéia de que vivemos no exílio, que o verdadeiro lar está no passado ou no paraíso ou em algum outro lugar, e que jamais estamos em casa. A outra leitura diz respeito à história das maravilhas e perigos do mar, “uma história de aventuras – talvez a mais primorosa que jamais tenha sido escrita ou cantada”.

Esses três poemas eram, pois, suficientes para a humanidade, ou porque cantam tudo que a vida contém, ou porque a vida contém apenas uns poucos enredos e talvez todos os enredos pertençam a uns poucos modelos disfarçados, – conforme, em relação a esta última alternativa, afirmou Borges alhures, numa conferência sobre *A Metáfora*.

Por isso, referindo-se aos poemas de sua seleção, podia afirmar, convicto, que, no entanto, *estava tudo ali*; quer dizer, tudo mais eram variações em torno desses temas. As grandes produções na seara da literatura giram, na verdade, em torno de poucos enredos. Essa é a visão de Borges, mas não só dele.

Contudo, impõe-se distinguir; porque, dos três poemas, com as leituras que comportam, dois falam de aventuras, de desafios, de conquistas, de vinganças. Ao passo que o outro fala de compaixão, ternura, perdão, solidariedade; fala de morte e ressurreição, de um reino que não é deste mundo, e de um herói que não é somente homem, é o próprio Deus.



Portanto, como nos romances, contos e novelas, também a épica deve ter os seus heróis, que no Evangelho, visto como tal, não poderiam faltar. Esse é um segundo aspecto. Borges sustenta que nesse gênero, – o *poema épico* – o mais importante é, sobretudo, o herói, um herói que possa ser apontado *como modelo para todos os humanos*.

Considerando, pois, essa advertência, a comparação se impõe. Enquanto na *Ilíada* e na *Odisséia* os heróis são Ulisses, Aquiles, Heitor, Enéias, guerreiros intrépidos que arrostaram a morte sem temor, – no Evangelho o herói é Jesus Cristo, “a face humana de Deus”: “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14,9). Enquanto os heróis de Homero e Virgílio e de todos os épicos combateram por glórias humanas, o herói do Evangelho proclama que seu Reino não é deste mundo e oferece a vida pela humanidade. Outrossim, enquanto Enéias se desincumbia da missão que lhe cometeram os deuses de fincar os fundamentos de Roma, Jesus fincava os fundamentos do Reino dos Céus.

Outrossim, enquanto a morte dos seus heróis pôs fim às aventuras da *Ilíada* e da *Odisséia*, e da *Eneida*, e das *Geórgicas* e das *Bucólicas* e de todos os heróis da Literatura, a aventura humana de Jesus não teve fim no Gólgota, mas na porta aberta do sepulcro vazio (“*Mulher, por que choras?*” Ou, “*Por que buscais entre os mortos aquele que vive?*”. “*Não está aqui. Ressuscitou, como disse, e vos precede na Galiléia*”).

Pela ressurreição, Cristo – na expressão de Vieira – deu morte à morte. Ou, como gostava de lembrar o saudoso Padre PAULO BRATTI, “ressuscitando Jesus dentre os mortos, Deus pronunciou a palavra última e definitiva: Vitória”! Por isso, outro PAULO, – o Apóstolo, – que o saudoso pregador costumava identificar como “o primeiro depois do Único”, podia perguntar com ironia: “*Onde está, oh morte, a tua vitória? Onde está, oh morte, o teu agulhão?*” (1Cor 15,55)

A originalidade não está, pois, radicada apenas no enredo, mas, sobretudo, no herói.

Assim, temos, dos três poemas, aí debuxados *o enredo, a originalidade e o herói*. Nesse trinômio, creio haver identificado a chave da *questão*. Dos três enredos, e certamente de todos os enredos susceptíveis de serem pesquisados no itinerário humano, nenhum há com a força implícita do Evangelho. Este é o único poema dotado de eficácia, no sentido de que, misteriosamente, realiza aquilo que significa. Como é do senso comum entre os crentes, *a palavra de Deus é viva e eficaz*, conforme Paulo (Hb 4,12), e, *como a chuva e a neve que caem do céu, para lá não volve sem ter realizado sua missão*, conforme Isaías (Is 55,10)...

Na comparação, é o enredo mais belo, comovente e verossímil, malgrado ser, dos três, contraditoriamente, o mais “fantástico”, por sua dimensão de mistério e transcendência; o mais “pretensioso” na sua teleologia, o mais inacreditável, em seu significado escatológico. E o único em que o herói, ao invés de postular admiração



e aplauso, reivindica nada menos que uma resposta de fé. O herói do Evangelho reivindica – daquele que quiser ser seu discípulo, adesão irrestrita à sua Palavra e à sua Pessoa: “*Crede em Deus, crede também em mim*” (Jo 14,1); “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (Jo 14,6). “*Quem quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome a cada dia sua cruz e siga-me*” (Lc 9,23). “*Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre*” (Jo 11,25-26). O herói se revela Filho de Deus, Deus Conosco, Emanuel. E através de prodígios e milagres manifesta seu poder sobre a vida e a morte, e promete aos seus seguidores a vida eterna no Reino que não terá fim.

Dito isto sobre o enredo e o Herói, cabe ainda uma palavra sobre o terceiro aspecto.

Diga-se acerca da originalidade, que o Evangelho, visto como obra literária, é a única que tem por autor o Espírito Santo, e como herói o próprio Deus. Os evangelistas são apenas hagiógrafos, são seus redatores, não propriamente seus autores senão do ponto de vista literário. Mas a originalidade está, também, no próprio enredo, único e incomparável: a história de um Deus, que por puro amor não se dedigna de assumir a condição humana, tornando-se igual aos humanos em tudo, menos no pecado; e que, sorvendo até a última gota o cálice do sofrimento, se oferece em sacrifício “na amarga cruz”. Assim o celebrou o grande dramaturgo, em alusão ao mistério do Calvário: “*Aqueles abençoados pés/Que tantos séculos atrás foram pregados/Em nosso proveito na amarga cruz*”.<sup>7</sup>

A originalidade também está radicada na solene promessa do herói de que voltará no final dos tempos, cercado de coros de anjos, em toda glória e majestade, para julgar os vivos e os mortos. Em nenhuma épica, em nenhum tempo, em nenhuma obra, de nenhum gênero, nenhum autor ousaria tanto.

É verdade que gênios da Literatura Universal têm criado personagens imperecíveis. Mas nenhum criou um herói comparável a Jesus, filho de Maria de Nazaré e de José, o Carpinteiro. Um Deus nascido numa estrebaria, que teve por berço a manjedoura e por trono “a amarga Cruz”. Um Rei coroado de espinhos, coberto de uma túnica escarlate, tecida de escárnio, ostentando como símbolo de poder não um cetro, mas uma cana. Enfim, um crucificado que ressurge, glorioso, para unir o tempo à Eternidade, pela porta escancarada do sepulcro deserto; um Herói diante de quem “*todos os joelhos se dobram no céu, na terra e nos infernos*” (Fl 2,10).

É, pois, singular, único, incomparável. Assim como a obra: incomparável, única, singular.

Com efeito, e aqui me socorro mais uma vez de Kermode, “*ao construir uma narrativa realista nos moldes de uma história tão incomum, eles criaram um*

<sup>7</sup> SHAKESPEARE, William. *King Henry the Fourth*, parte I, 1º ato, 1ª cena.



*gênero específico; e em termos desse gênero, produziram obra de arte única*<sup>8</sup>.

Outros aspectos poderiam ser arrolados. Mas esses bastam para os propósitos deste ensaio.

O enredo. A originalidade. O Herói: a história do anúncio da salvação, a novidade incomparável da boa nova, o personagem Jesus, o Cristo de Deus, Deus Conosco, Emanuel. Eis aí as razões que poderão ter inspirado Borges na escolha do maior poema da Literatura. O gênio humano seria mesmo incapaz de criar uma obra igual, pelo enredo, a originalidade, o Herói.

### **Bibliografia**

**A Bíblia Sagrada.** Ed. Ave Maria, SP, 1969.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia.**

ALTER, Robert e KERMODE, Frank. **Guia Literário da Bíblia,** Ed. UNESP, SP, 1997.

BORGES, Jorge Luis. **Esse Ofício do Verso, O Narrar uma História,** Companhia das Letras, SP, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Metáfora,** Id. Ib.

\_\_\_\_\_. **A Imortalidade, Borges Oral.** 1979. Obras Completas IV, Ed. Globo, SP, 1999.

BORN, A. Van Den (organizador). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia,** Ed. Vozes Ltda., em coedição com Centro do Livro Brasileiro Ltda., Lisboa, Porto, 1971.

GABEL, John e WHEELER, Charles B. **A Bíblia Como Literatura,** Edições Loyola, SP, 1993.

HAECKER, Theodor. **Virgílio, Pai do Ocidente.**

VIRGÍLIO. **Eneida,** Ediouro Publicações AS, RJ, 1999.

*(Desterro, Natal de 2002)*

### **Endereço do Autor:**

Rua Dr. Armínio Tavares, 31, apt 501  
88015-250 FLORIANÓPOLIS, SC

<sup>8</sup> *Op. cit.*